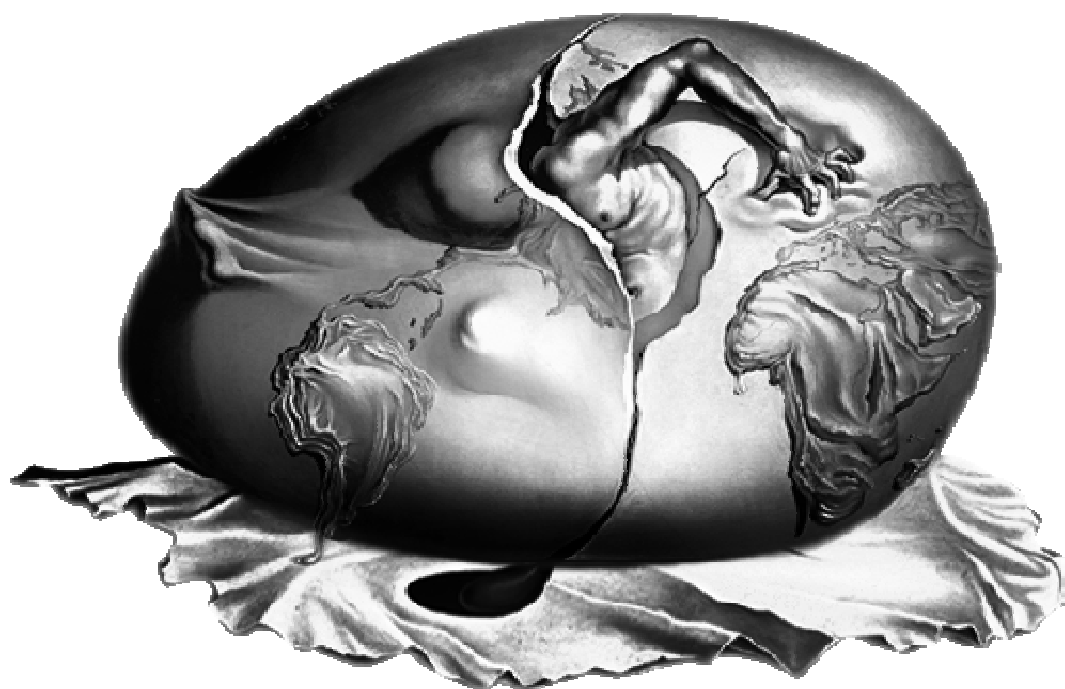


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, nº 06, 1995



UNIR

EDUCAÇÃO E MEMÓRIA

Antônio Cláudio Rabello *

Valdir Aparecido **

Sônia Ribeiro de Souza ***

Resumo

Na última década surge como alternativa o construtivismo. Este método, ainda em elaboração, tem sido bastante falado nas escolas de Rondônia, porém com um desconhecimento assustador. A idéia de construir o conhecimento tem se transformado para professores, coordenadores e supervisores, um mero jargão para encobrir o desconhecimento sobre educação em geral e sobre o construtivismo em particular. Qualquer técnica que não se conheça o suficiente, uma dinâmica que "ninguém-sabe-onde-vai-dar" ,ou ainda, a mais utilizada de todas, a "pedagogia do achismo", recebe a alcunha de construtivismo. Essa desinformação e a inconseqüente deformação das idéias do método, tem levado muitos profissionais a "torcerem o nariz" quando se fala a respeito de construtivismo.

Palavras-Chave: Construtivismo e Pedagogia.

Abstract

In the last decade it appears as alternative the constructivism. This method, still in elaboration, it has been enough spoken at the schools of Rondônia, however with a frightening ignorance. The idea of building the knowledge has been transforming if for teachers, coordinators and supervisors, a mere jargon to hide the ignorance in general about education and about the constructivism in matter. Any technique that doesn't know her enough, a dynamics that "to still nobody-know-where-go-give" ,ou, the used of all, the pedagogy of the achismo ", receives the nickname of constructivism. That desinformação and the inconsequent deformation of the ideas of the method, it has been taking many professionals they to twist her/it " the nose " when it is spoken regarding constructivism.

Key-Words: Constructivism and Pedagogy.

Nas últimas décadas temos visto surgir propostas na área de educação que buscam levar para a sala de aula a idéia de construir o conhecimento a partir da realidade dos alunos. Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) traz para a sala de aula o trabalhador e sua realidade operária. Realidade esta que será a base da alfabetização e, por conseqüência, levará o aluno-trabalhador à reflexão da sua própria realidade criando assim uma consciência crítica. A maior dificuldade deste método consiste na necessidade de uma visão crítica por parte do professor frente à educação e frente à realidade operária, o que é bastante distante da realidade educacional brasileira, dada a desinformação de grande parte dos educadores.

Na última década surge como alternativa o construtivismo. Este método, ainda em elaboração, tem sido bastante falado nas escolas de Rondônia, porém com um desconhecimento assustador. A idéia de construir o conhecimento tem se transformado para professores, coordenadores e supervisores, um mero jargão para encobrir o desconhecimento sobre educação em geral e sobre o construtivismo em particular. Qualquer técnica que não se conheça o suficiente, uma dinâmica que “ninguém-sabe-onde-vai-dar” ,ou ainda, a mais utilizada de todas, a “pedagogia do achismo”, recebe a alcunha de construtivismo. Essa desinformação e a inconseqüente deformação das idéias do método, tem levado muitos profissionais a “torcerem o nariz” quando se fala a respeito de construtivismo. O pior é que se torce o nariz para um método e, em contrapartida, não se percebe nas escolas qualquer linha pedagógica que esteja sendo seguida, qualquer metodologia. Ninguém se baseia em nada. Cada professor trabalha seu pequeno conteúdo da forma que melhor lhe convir, acompanhado do discurso derrotista, de que qualquer coisa está bom, pois isto não muda nada ou então do discurso de que a educação é que levará o Brasil a mudar sua cara.

Não percebem esses nossos educadores que o discurso da mudança revolucionária está bem longe da prática reacionária. Esta educação, apesar de não querer e apesar de não assumir, continua propagando a educação tradicional. Os projetos e objetivos propagados pela educação formal tradicional

são de integração, participação e cidadania. Porém, na prática esta educação é reprodutivista, excludente e demagógica.

Corroborando com este triste quadro pedagógico das escolas de nossa região, vemos um material didático inadequado. A constatação feita é que o material didático oferecido nas escolas, sejam elas de primeiro ou segundo graus sejam elas urbanas ou rurais sejam elas particulares ou da rede pública, são feitos no Centro-Sul, por pesquisadores do Centro-Sul e para uma clientela do Centro-Sul. Isto acaba por demonstrar que nossa preocupação não é de menor importância. O material didático além de caro é “importado”, logo, aculturado. O mesmo reproduz a exclusão social e não leva a comunidade escolar a uma **identidade cidadã**. O mesmo não diz nada à comunidade por ser distante e estranho à sua realidade.

Nesta grande salada que se transformou a educação temos especial preferência pela salada da História. Quando pensamos a realidade educacional na disciplina História, de imediato pensamos que esta se propõe formar uma consciência crítica, e no entanto não realiza esta sua vocação, pois sua produção científica e didática tratam a comunidade como meros expectadores da História Brasileira, se inserindo como uma luva no quadro educacional e reproduzindo o mesmo. Pensar o ensino de história se torna premente, principalmente se levarmos em conta a realidade periférica em que vivemos.

Sem sombra de dúvidas a construção da cidadania passa necessariamente por comida, transporte, saúde, lazer, educação. Porém isto não basta para chamar alguém **Cidadão**. É necessário tomarmos a pulso o trem da História, mas é preciso que não apenas embarquemos neste trem. Tomar a pulso a história é pensar o trem, pensar o caminho do trem, é construir o trem. Não adianta entrar no trem dos outros, ou melhor, entrar num trem em que o maquinista não sou eu, e eu não tenho nenhuma espécie de influência sobre ele, sou uma vítima passiva das vontades deste maquinista. Tomar o trem a pulso é controlar os destinos deste trem. É esta a história que queremos ver ensinada e aplicada. Uma história que tenha também como atores, e não apenas meros coadjuvantes àqueles por quem pergunta Brecht: “Quem construiu as portas de Tebas ? Nos livros constam nomes de reis”. Seria tolo

querer tirá-los dos livros, mas não seria tolo inserir nos livros outros nomes além dos solitários nomes dos reis.

Cabe então a pergunta: Que fazer?

Apesar de não nos pretendermos revolucionários, pensamos que o caminho mais viável é envolver a comunidade no processo de construção do pensamento histórico. O primeiro passo, a coleta de dados, deverá ser feita na própria comunidade e por pessoas da comunidade. Professores e alunos devem ir a campo para conhecer a história de vida dos velhos de sua comunidade. Conhecer pessoas que vivenciaram os momentos históricos fundamentais para a comunidade. A primeira questão que se pode levantar é o tipo de abordagem que será feita, ou melhor, dar-se-á preferência a que tipo de acontecimentos ? Não. Há espaço suficientemente grande na história para se buscar articular todos os elementos possíveis de uma dada realidade, sejam eles, sócio-econômico-culturais, sejam eles mitológicos, folclóricos, religiosos. Acrescente-se que não como mero apêndice, mas como fundamentais para explicar o ordenamento desta comunidade. Ainda no processo de coleta de dados, podemos e devemos registrar imagens, mas uma imagem que “fale algo” para esta comunidade. Se as fontes são pesquisadas pela própria comunidade, nada mais justo e coerente que as imagens sejam conseguidas pela comunidade sobre aquilo que eles julgam importante. Que se entregue em suas mãos máquinas fotográficas, câmeras de vídeo, etc. O terceiro passo é a sistematização deste material. As fontes devem sofrer a crítica documental, como qualquer outra fonte, porém nesta sistematização não bastará que o historiador diga a palavra final, esta continuará nas mãos da comunidade.

Esta proposta de trabalho está sendo realizada e vem atender algumas preocupações que ora temos. A educação, e em particular o ensino de história; a História Regional, que não vem sendo trabalhada nas escolas; e o resgate da memória de Rondônia, como uma necessidade real para a história de Rondônia.

Cabe-nos alertar que esta é apenas uma proposta, não é e não pretende ser a solução. Existem problemas nesta que não foram resolvidos: 1) Por mais que se queira colocar a comunidade no trem da história e que eles mesmo tomem de assalto a locomotiva, o impulso foi exterior a eles. O impulso parte de

pessoas que estão alheias a comunidade; 2) Corre-se o risco da comunidade não desejar participar deste tipo de trabalho; 3) A proposta é válida para comunidades pequenas e de periferia. Há que se pensar em um método diferente caso quiséssemos pensar a história de um grande centro urbano com seus milhões de habitantes. 4) Não se pode deixar de trabalhar a história em um nível mais amplo (Brasil e Mundo). Como inserir esta história neste contexto mais amplo ? Como levá-los à consciência de que é na sua experiência particular que se ligam ao todo ? Como falar em antiguidade grega, por exemplo ? É através dessa consciência de **pertencer-único**, ao contrário de uma **massa-homogênea**, que pode-se pensar o seu cotidiano, suas expectativas e passar a influenciar na construção do mundo. Portanto a abordagem do micro, do particular, do cotidiano não invalida a formulação de um conceito mais amplo de história, de atores, do tempo e da sociedade, uma vez que as pessoas passam a perceber o todo a partir da compreensão do seu cotidiano, da sua existência concreta, que é particular e singular. Sabemos que as perguntas estão aí, e podem ainda ser formuladas outras tantas. Não há problemas. Não temos medo de errar.

Esta proposta tem como impulso inicial a realidade de Rondônia, sua história não contada, sua história não estudada. É neste campo que pretendemos inserir esta proposta, e neste a viabilidade se torna ainda maior, devido às carências da região. Há a facilidade da sua história ainda não ter uma “História Oficial” nos livros didáticos, evitando assim ranços históricos que são difíceis de derrubar.

* Prof. do Departamento de História - UNIR
Pesquisador do Centro do Imaginário Social
** Prof. do Departamento de História - UNIR
Pesquisador Centro do Imaginário Social
*** Prof.de História de 1o. e 2o. Graus -